

espaço aberto

[ LEDA SENISE ]

Artista multidisciplinar com atuação profissional e estudos centrados na questão da indumentária como linguagem, documentação histórica e antropológica. Trabalhou como figurinista para teatro, ópera, cinema e publicidade. Desenvolveu projetos de marketing para marcas de moda. Vive atualmente em Londres onde prepara sua primeira exposição.  
E-mail: [ledasense@hotmail.com](mailto:ledasense@hotmail.com)

## As dobras do tempo



Houve uma fase da vida em que fotografei os lençóis de minha cama todos os dias de manhã. Observar as fotos era viajar no significado das dobras aparentemente indisciplinadas que envelopavam meu corpo, meu sono, meus sonhos.

Eu vivia um desses momentos de árduo e insatisfatório cotidiano em que dormir é melhor do que ficar acordada, e sonhar... é ainda melhor. Momento em que aparentemente não há respostas nem saídas e muito menos inspiração. Momento de impossibilidades. Imobilidade.

Ao acordar observava meus lençóis e fotografava. Essa imobilidade do cotidiano se contrapunha àqueles movimentos quietos, calmos e elegantes do tecido branco e macio que traduzia os matizes do meu sono, guardava segredos de zonas misteriosas do cérebro humano.

A textura dos lençóis de linho em sua riqueza falava do meu sono inquieto ou reparador de modo distinto dos macios e leves lençóis de algodão. Os tecidos diferentes tinham personalidades igualmente diferentes em suas narrativas.

Havia uma acomodação natural, um acordo tácito entre os lençóis e o sono reparador e os movimentos suaves e acolhedores dos lençóis pela manhã e o sono agitado contado pelos lençóis revoltos, amarrotados, angustiados. Os lençóis relatavam histórias, e a narrativa era feita através da reação dos tecidos ao peso inerte e ao movimento do meu corpo, ao descanso ou agitação de meu cérebro em última análise.

Isso tudo aconteceu há muitos anos, quando as câmeras digitais eram privilégio de profissionais da fotografia e ainda não tinham alcançado a popularidade que ganhou os simples mortais, como eu, à qualidade de potenciais ou pretensos "fotógrafos jornalistas/artistas".

Então, eu fotografava em branco e preto e esperava, não sem certa ansiedade, a hora de ir buscar as cópias no laboratório. Eu não tinha nenhuma intenção nem pretensão definida. Queria apenas registrar e interrogar aquele momento. Os resultados nunca me decepcionaram, ou melhor, os lençóis, os tecidos nunca me desapontaram. Ali as pressões cotidianas descansavam e se desdobravam em sonhos, no imaginário contido neles; naqueles vãos sombreados certamente havia inspiração.

Foi nessa época, possivelmente, que comecei a entender a associação entre história, homem, corpo, indústria, artes, a trama infundável dos caminhos perceptíveis e não perceptíveis, organizáveis e não organizáveis dos tecidos na história do homem, dos homens, toda a história contida num fragmento de tecido onde quer que ele esteja: seja cuidadosamente protegido no Museo Egizio, em Turim, ou no Cairo, no Victoria and Albert Museum, em Londres, seja nos lençóis da minha cama. O homem nasce nu e morre vestido, e sua vida pode ser contada através dos tecidos.

As fotos dos lençóis, a simplicidade dos movimentos, a brancura dos algodões e linhos me levavam do meu sono à Grécia, à Itália, à França... a diferentes pregas de cores e tecidos variados que em outros tempos e de outras maneiras também cobriram o corpo humano.

Na Grécia o corpo das mulheres era emoldurado e protegido pela *wet drapery*, termo usado pelos historiadores para definir as pregas dos vestidos helênicos que caíam suave e elegantemente sobre o corpo, realçando-lhe a feminilidade e dando-lhe característica escultural.

A memória preservada pela estatuária não esconde a fragilidade, a leveza dos tecidos, às vezes perceptivelmente transparentes, ainda que retratados no mármore em poética contraposição entre o efêmero e o eterno, particularidade preponderante das vestimentas. No inverno a leveza das dobras era substituída pelo movimento protetor das lãs marcando as diferenças de temperatura e de usos e costumes.

A tradução de *wet drapery* ou *drapéé* por "panejamento" certamente não revela os mistérios técnicos perseguidos por inúmeros criadores de moda através dos tempos. *Draperie* ou *drapery* soam mais como o suave desdobramento, movimento quase musical do tecido acompanhando ou reagindo ao deslocamento humano.

Alaya, Miyake, Kawakubo, Ossie Clark, Halston, Galliano, além de muitos outros estilistas, notadamente seguiram os passos da francesa Madeleine Vionnet e do espanhol Mariano Fortuny, pioneiros na investigação das possibilidades oferecidas pela lúdica relação corte/tecido/costura, desafios que originaram o corte em viés e o plissado que marcaram, respectivamente, as criações de Vionnet e Fortuny.



Detalhe de plissados de Fortuny.

Vionnet e Fortuny buscaram inspiração nas dobras e pregas da estatuária grega e as recriaram de maneira marcante nos anos 1920. Vionnet usou amplamente o *wet drapery* para liberar e realçar as formas femininas. Dietrich, Garbo e Katherine Hepburn foram algumas de suas clientes. Seu nome esteve ligado a artistas como Thayaht, pseudônimo do florentino futurista Ernesto Michaelles, o escultor René Lalique, ambos seus colaboradores, e Isadora Duncan, cuja dança libertadora de movimentos inspirou suas criações.

Vionnet foi precursora não apenas como criadora de moda, mas como mulher de negócios (*entrepreneur*). Sua vitalidade inovadora aliada à sua visão comercial atraiu parceiros como Germaine Lillas (BHV), o poderoso magnata argentino Martinez de Hoz, Théophile Bader (Galerie Lafayette) e House of Coty.

Ao contrário do que muitos pensam, não foi Dior quem pela primeira vez levou a moda francesa aos Estados Unidos depois da Segunda Guerra, mas sim Vionnet que, em 1925, abriu um *salon* na Quinta Avenida, em Nova York, onde vendia suas criações (inteligentemente) semiprontas, com cinturas e bainhas ajustáveis para as medidas da cliente, precipitando o "tamanho único".

Antecipando o *prêt-à-porter* e a democratização da moda, vendia suas criações para o varejo americano com uma etiqueta que levava seu nome e uma indicação de que o traje era uma repetição de um original, uma novidade para aquele momento. A Maison Vionnet também oferecia trajes exclusivos, acessórios e perfumes precedendo o moderno conceito de acessibilidade à marca. Chegou a ter 1.200 empregados, um número considerável até para os dias de hoje, aos quais eram oferecidos cursos de formação e reciclagem, serviços de creche e de saúde.

Mariano Fortuny, ao contrário de Vionnet que tinha origem humilde, vinha de família da alta burguesia. Filho de pintor, com a arte correndo em suas veias, depois de viver na França com a mãe, estabeleceu-se definitivamente em Veneza.

Sua criatividade e curiosidade não conheciam limites. Pintura, escultura, arquitetura, fotografia, decoração, cenografia, iluminação cênica eram alguns de seus interesses e áreas de pesquisa, mas era nos tecidos e nas vestimentas que encontrava sua maior fonte de realização.

O vestido *Delphos* e a echarpe *Knossos* sintetizam a força atemporal e inspiradora de suas criações. Fortuny foi um mago do tingimento, da tecelagem e da estamparia. Seus trajes fluíam e emolduravam magicamente o corpo das mulheres, e a técnica do fascinante plissado mantém-se em segredo até hoje. Suas refinadas criações primam pelos detalhes, muitas vezes imperceptíveis a "olho nu".

Felizmente, o Palazzo Fortuny, sua residência em Veneza, foi transformado em museu – Fondazione Musei Civici Venezia – e abriga exposições de arte nas quais os tecidos e os trajes revelam-se fontes inesgotáveis de documentação, inspiração e expressão humanas.